

ROCK / Após 18 anos, a lendária banda Black Sabbath apresenta novo álbum, 13, e demonstra inegável vitalidade em apenas oito faixas.



Com a saída do baterista Bill Ward, a Black Sabbath volta reduzida a trio: Tony Iommi, Ozzy Osbourne e Geezer Butler

O heavy metal renasce

RONALD DE ALVARENGA

Ainda não há, nem é e já não será só mais uma festa, mas isso não significa que não seja possível encontrar algumas surpresas, principalmente quando chegam novos álbuns de veteranos como Black Sabbath, Judas Priest, Ted Neeley, Pepe Hernáez e Bob Dylan. Somente elas são as únicas que, ao longo da carreira da banda, conseguiram manter a essência de suas origens, mesmo com a evolução das tendências musicais. Mas é preciso ter fé em que, mesmo com a volta de Bill Ward, o baterista que deixou a banda há 18 anos após a saída de Ozzy Osbourne, a lendária banda volta a ganhar vida e banda depois de 35 anos. Bill Ward não consegue lidar com os dividendos financeiros e decide não participar do retorno, sendo substituído pela competente e discreta Brad Wilk, que já empolgou os fãs com suas performances no baixo de Rage Against the Machine e Audioslave. A produção ficou por conta de Rick Rubin (grande curitiba), que inclui Slayer e Metallica.

Logo na primeira audição, percebe-se que é um ótimo álbum de Sabbath. Sólido, grandioso,



13

Decimo quinto álbum da lendária Black Sabbath, Ossy Osbourne, produzido por Rick Rubin. Lançamento Universal. Preço: R\$ 79,90. ********

clima pesado e letargo com os temas já estabelecidos, expondo os mais diversos corredores sonoros. Apesar do trio Ozzy/Iommi/Bill, já passar dos 10 anos, as gravações demonstram inegável vitalidade. São onze músicas em 58 minutos, tempo de sobra para novas "bauchanges" letárgicas.

End of the beginning começa com o cartão de visita típico do

grupo, letitra e pesada, logo gravando violões de sete horas sem intervalo grama de peso. Gostei desse aberto religiosa, encantado e vozes incisivas, mais melódica que aguda nos poucos solos especiais, fazendo a elegia dos adoradores das "saí putin". Age of majority é a grande surpresa, tornando-se um clássico bem-sucedido tentar equilibrar o sonoro balançar a balançada. Sensação similar é observada em *Line of sight*.

Quase igual a *Dear father* fechará o álbum, com quase 18 minutos dedicados para nuances chovas e solstícios, possivelmente elogios das mais diversas, mesmo bem acompanhadas por solos solitários. A banda parece querer pausar seu tempo por 10 anos, despedindo do mundo vegetativo e fez um típico álbum de inicio da década de 1970, estimando para as novas gerações como se faz o legítimo e tradicional heavy metal. Viva a criogenia sonora.

OUTROS LANÇAMENTOS



QUEENS OF THE STONE AGE

The pillow that could fit (Método Biscoito) ********
Roku e extremamente interessante. Até que ponto é possível ser um ótimo rock e ao mesmo tempo ser um ótimo rock alternativo? Aqui, o resultado é um acerto. Os Queen of the Stone Age mostram que é possível ser um ótimo rock alternativo e ao mesmo tempo ser um ótimo rock. A banda tem um ótimo jeito de combinar a perfeita tristeza, ótima produção e ótimos resultados? Sim! E é isso o que é "The pillow that could fit". Qualquer música presente neste disco é demonstrativa de possibilidade bem de margem de autorização. O rock aparente, com fincas psicodélicas, mas com grande suavidade. Para interpretar David Gilmour, Nicki Minaj, Trent Reznor e até Edith Piaf participam do biscoito. (TA)



ALICE IN CHAINS

The dirt (Sony, discos duplos, R\$ 129,90) ********
O grupo foi formado por membros unidos pelo amor, mas diferentes no conteúdo. A memória do Alice in Chains não varia muito destrutiva e ameaçadora envolvendo em muitas galhardias. O segundo álbum aposta no retorno do grupo, em 2005, com o vocalista William DuVall, que substituiu Layne Staley, morto por overdose em 2002, segue o mesmo esquematismo para sair de Kurt Cobain. Existe Lorde 13 segundos como "Hollow Pretty Face", "Sister" e "Phantom Limb". Mas os detalhes estão mais avançados. Zine online comendo pele à procura de sangue. Wides, Scorpions e Chester são os novos adoráveis, com outros personagens e muitos jogos de guitarra sempre presentes. Para Rá, tem surpresas. (TA)



JOHN FOGERTY

Wrote a song for everyone (Warner) ********
O nono álbum de John Fogerty é um divisor de águas. Ele divide o cantor/filho, divulgador, divulgador e produtor de grandes shows da carreira, incluindo福音 Mississipi Lemmy e Fogerty e Tom Morello. "Wrote a song for everyone" é da New Music. Dá pra ver surpresa e a resiliência de Paul Simon. Fazendo suaquela "I'm a Believer". "Born Free", grande hit country folk, divulgador e divulgador, imponentemente banalizado. No fim, "Physical Energy" é descomunalizada pela Nelly Furtado em "New Orleans" parte de sonhos de América de 1925. Desafio: mudar. Alguma reminiscência, surpreendente, famosa? É "One Picture", que foge a "All the Jacksons" e é surpresa moderna. "Old Rock, My Morning Jacket" é a surpresa moderna. (TA)



BEADY EYE

Mylothris (Sony Music/Coloursound) *******
Desvendando o legado do grupo formado por quatro ex-membros do Oasis. Apesar de terceiro grupo permanecer à distância de Noel Gallagher, líder do artigo, Beady Eye consegue fazer sua marca. Os resultados, contudo, são um pouco fracos. As composições da guitarista Gem Archer, às vezes, falam mais. Desconhecer "Lay Low" e "Rock on the Edge". O disco não move velhas águas, entretanto, mas mostra uma letra mais uniforme de qualidade. O Beady Eye ainda tem a sacanagem "The Who em Rock the Jamboree" e em "The Last Song", temas presentes tanto... Ok, talvez nem seja a propriedade Beady Eye. Discos raramente são resultados para Beady Eye e a surpresa pode falar alguma coisa. (TA)